

PARAR PARA LER

1

No liceu

Quando eu andava no liceu tive uma professora que era a doutora Vitória. O liceu agora já não se chama liceu, mas acho que vocês sabem o que é que o liceu era. Aquilo que a doutora Vitória nos ensinava se calhar também já não tem o mesmo nome. O tempo passa muito depressa e nós nem damos por nada. Depois, um dia, quando menos esperamos, reparamos que estamos mais altos e que temos a voz mais grossa. E toda a gente à nossa volta, quando nos vê passar na rua, acha que somos pessoas crescidas. Então olhamos para trás e percebemos que já lá vão muitos anos, já estamos vivos há imenso tempo, e já nada no princípio parece ser como foi connosco, quando éramos nós que íamos no princípio. Eu sei que, por fora, as coisas estão sempre a mudar. Mas também já percebi que, por dentro, as coisas são sempre mais ou menos as mesmas. É por isso que gostava de contar-vos a história da doutora Vitória.

2

Num mundo muito especial

Nessa altura eu tinha dezasseis anos e usava o cabelo muito curtinho. Andava sempre de calças, e ficava toda vaidosa quando as pessoas que não me conheciam pensavam que eu era um rapaz. Vocês ainda não passaram por isso, mas eu já, e garanto-vos que esta é uma das tais coisas que nunca mudam: quando temos dezasseis anos vivemos dentro de um mundo muito especial. Não interessa nada se somos ricos ou pobres, da cidade ou do campo, portugueses ou esquimós, pretos ou brancos ou às riscas. No mundo inteiro, em todas as línguas, acontece-nos sempre o mesmo. Chegamos a uma certa idade e de repente parece que não conseguimos entender-nos com ninguém que não tenha exactamente a mesma idade que nós.

3

Num armário

É uma espécie de magia, que ninguém controla e que nunca falha. De repente não queremos sair de casa aos domingos, nem temos vontade de ir a lado nenhum com a nossa família. Gostamos de fechar-nos no quarto a ouvir discos com as persianas corridas enquanto lá fora o sol põe tudo a brilhar. Falamos durante horas e horas ao telefone com os nossos amigos, mas não há nada que nos apeteça dizer aos nossos pais ou aos nossos tios. Andamos com o cabelo todo caído para cima dos olhos, como se fechássemos um estore entre nós e o mundo.

Parece que ninguém nos percebe. Parece mesmo que nem sequer há ninguém, mais velho ou mais novo, que esteja a falar na mesma língua que nós. E depois, parece que toda a gente embirra com a nossa maneira de vestir, e isso faz-nos imensos nervos. Às vezes apetece-nos chorar, chorar muito, sem razão nenhuma. Às vezes até nos apetece morrer, e também não sabemos porquê. As pessoas crescidas olham para nós e suspiram, com saudades de quando éramos pequeninos e amorosos, sem problemas nem complicações que elas não soubessem logo resolver. As pessoas mais novas nem sequer se aproximam, porque embora não lhes tenham ensinado isso adivinham que agora estamos fechados dentro de um armário onde mais ninguém consegue entrar.

4

No espelho

É verdade. Quando estamos nesta idade, diz-se que estamos na «*adolescência*». Durante a «*adolescência*», diz-se que somos «*adolescente*»). Vocês por enquanto se calhar não acreditam nisto, mas, quando lá chegarem, vão ver que é mesmo assim. É uma coisa que dura mais ou menos entre os doze e os dezanove anos, e depois, tal como chegou sozinha, começa a ir-se embora sozinha, muito devagarinho. É como quando se atira uma pedra para dentro de um lago. Primeiro saltam salpicos por todo o lado e faz-se muitas ondas. Depois as ondas começam a ser cada vez mais mansinhas e a fazer círculos cada vez mais largos à volta do sítio no meio de onde caiu a pedra, e, daí a muito tempo, já nem se distinguem. A água do lago está outra vez lisa e sossegada, e podemos ver-nos nela ao espelho. Nessa altura sabemos que chegámos ao lado de lá da adolescência, e em breve seremos pessoas crescidas. Se não tivéssemos atravessado aquelas ondas todas, seríamos uma espécie de pessoas crescidas com defeito, a quem faltariam partes e que nunca poderiam funcionar bem.

5

No tempo dos homens primitivos

Por isso, embora a travessia das ondas às vezes faça um bocado de impressão, a nós que estamos a passar por ela e aos outros que estão de fora a assistir, não vale realmente a pena a gente preocupar-se muito com isto. Sempre foi assim, desde que as pessoas existem. Os homens primitivos também foram adolescentes antes de serem caçadores valentes de mamutes e de tigres de dentes de sabre. Os adolescentes já eram adolescentes antes de os homens terem inventado o fogo, e muito antes de terem inventado a roda e começado a domesticar animais. E ainda aqui estamos todos, vivos e bem-dispostos. É uma coisa que vem e que vai e que faz parte de crescer, como perder os dentes de leite e depois aparecerem-nos os dentes definitivos. Mas, às vezes, precisamos de usar um aparelho para endireitar os dentes. Eu precisei, durante vários anos. É por isso que quero contar-vos a história da doutora Vitória. Porque, mesmo nas coisas que acontecem sozinhas, podemos sempre dar um jeito para as fazermos sair melhor ou pior. A história da doutora Vitória é uma história de que eu não me saí assim muito bem.

6

No sétimo ano

A doutora Vitória era a nossa professora de Física. Estávamos no sétimo ano, que nessa altura era o último ano do liceu. A seguir ou se ia trabalhar ou se entrava para a universidade. Ou então fazia-se as duas coisas ao mesmo tempo, e algumas pessoas até não faziam nada, ou porque não lhes apetecia ou porque não sabiam muito bem o que é que haviam de fazer. Os rapazes já tinham um bigode muito fininho e falavam com uma voz de homens novinha em folha que muitas vezes ainda nem parecia a voz deles. As raparigas podiam ser consideradas mulheres. Já viajávamos sozinhos, nas calmas. Já tínhamos namorados a sério, e essas coisas todas. Antes e depois dessa idade liga-se menos a isto, mas, aos dezasseis anos, a parte dos namorados tem uma importância incrível na nossa vida. Ocupa muito espaço dentro da nossa cabeça, e muitas horas dentro dos nossos dias. Às vezes faltávamos às aulas para ficar a namorar.

Outras vezes faltávamos às aulas sem ser por nada, só porque não nos apetecia, e nessa idade achamos que já somos suficiente mente crescidos para fazermos apenas o que nos apetece.

Daí a nada poderíamos tirar a carta de condução, passar cheques, casar, ter um emprego a sério, e só de pensar nisto tudo dava-nos uma enorme preguiça. Ficávamos sentados ao sol a sentir uma espécie de um nervoso cá no fundo, uma pressa doida de chegar ao lado de lá, onde as coisas haviam de ser como nós queríamos que fossem. E, ao mesmo tempo, sentíamos também um bocado de medo, porque nenhum de nós tinha a mais pequena ideia de como é que se faz para as coisas serem como nós queremos que elas sejam. Mas, esta parte do medo, tentávamos nem dar por ela. Fechávamos os olhos com muita força e imaginávamos a nossa vida inteira, que estava quase, quase a chegar. Tínhamos muito mais em que pensar do que na Física da doutora Vitória.

7

Na altura em que achamos que as outras pessoas são velhinhas

A doutora Vitória já não tinha dezasseis anos há muitos anos. E, ao contrário da nossa vida que estava quase a chegar, não metia medo a ninguém. Era pequenina e velhinha. Ou eu, pelo menos, na altura achava que ela era velhinha. Um dia destes tenho a idade que ela tinha, e então hei-de dizer coisas como «*era uma rapariga da minha idade*», que é sempre como os nossos pais falam dos amigos deles. Não sei se já repararam. Na vossa idade eu achava muito ridículo a minha mãe dizer «*uma rapariga da minha idade*», porque, para mim, a minha mãe era velha. Agora tenho a idade que a minha mãe tinha nessa altura, e continuo a achar. que sou uma rapariga. Por fora mudamos muito, mas por dentro continuamos sempre a ser rapazes e raparigas. Mas isso também é uma coisa que só se descobre com o tempo. No sétimo ano do liceu eu achava que a doutora Vitória era uma velhinha. E, muito ocupada com as grandes perguntas e as grandes impaciências que andavam aos saltos dentro da minha cabeça, não lhe ligava nenhuma.

8

Nas aulas de Física

Lembro-me perfeitamente da cara dela. Lembro-me das rugas muito marcadas, muito fundas, especialmente à volta da boca. O cabelo, que ela usava curto e um bocadinho encaracolado, era todo branco. Tinha uns olhos grandes e claros, e um sorriso mesmo lindo. Vinha sempre com uma bata impecável, bem passada a ferro, e por baixo aparecia uma faixa da saia. Depois viam-se as meias escuras e os sapatos castanhos, antigos, sem brilho. Andava curvada para a frente e nunca levantava a voz. Dizia-nos sempre bom dia com a mesma simpatia, como se estivesse realmente feliz por causa daquela hora que ia ali passar virada para nós no alto do estrado, encostada ao quadro como se já lhe custasse estar tanto tempo seguido de pé. Às vezes tossia. Agora, quando penso nisso, acho que tossia muitas vezes, mas se calhar é só imaginação minha. E, quando começava a falar de Física, percebia-se que estava a falar de uma coisa de que gostava muito. Mas, connosco, não tinha sorte nenhuma.

No momento em que ia começar a nossa vida inteira

Ninguém na minha turma estava interessado em ouvir o que a doutora Vitória nos queria contar, todas as semanas, duas vezes por semana, com um sorriso muito lindo. Tocava a campainha e nós entrávamos na sala a arrastar os pés: Eu chegava quase sempre atrasada, e nem sequer pedia desculpa. Piscava o olho para os meus amigos, e eles riam-se. Nessa altura achávamos que já sabíamos tudo.

Ela falava de Física com amor, com alegria, com um carinho enorme. Mas, para nós, a Física era só uma disciplina muito chata que era preciso saber nos dias de pontos, para no fim do ano se ter um catorze e se dispensar do exame. Ela falava de coisas lindíssimas, prodigiosas. Nós não estávamos a ouvir. Estávamos a passar papelinhos uns aos outros, a ler livros aos quadrinhos abertos sobre os joelhos, a fazer desenhos com as esferográficas nas capas dos cadernos e a pensar na vida, na nossa vida inteira que estava quase, quase a começar. Inventávamos maneiras de convencer os nossos pais a deixarem-nos ir passar o fim-de-semana sozinhos num lado qualquer, cantávamos baixinho suma canção que sabíamos de cor, às vezes fazíamos imenso barulho, outra vezes parecia que estávamos a dormir.

A doutora Vitória sabia quais eram as grandes forças que fazem a Terra girar em torno do seu eixo e que governam o movimento de todos os objectos que se encontram sobre a sua superfície. Mas nós estávamos a pensar no que é que íamos vestir para ir ao cinema nessa noite. Depois, um ou dois dias antes dos pontos, decorávamos a correr umas frases e uns números, umas fórmulas que para nós não queriam dizer nada. Durante um ano inteiro, a doutora Vitória falou-nos das leis fantásticas que governam maravilhas invisíveis e exactas. E nunca, nunca, nunca, nem uma única vez, alguém prestou atenção ao que ela disse.

10

Na praia

Por qualquer razão, a doutora Vitória gostava especialmente de mim. Acho que foi porque alguém lhe disse que eu quando fosse grande queria ser cientista. Tratava-me sempre por Clarinha, com muito bons modos, que eram os modos dela face à nossa indiferença. Disse-me algumas vezes que tinha muita pena de eu não ter melhores notas nas aulas dela. Eu nunca dizia nada, e, mal ela parava de falar comigo, encolhia os ombros e os meus amigos riam-se. Não estávamos interessados em ter melhores notas em Física. Estávamos só interessados no catorze, e mesmo isso era só por causa da dispensa de exame, para termos menos trabalho. Não queríamos ter de ir a exame, porque os exames eram em Julho. Em Julho queríamos ir para a praia, dormir ao sol, passear durante muito tempo ao longo da rebentação, com os pés molhados enterrados na areia macia que as ondas deixavam atrás de si, e esquecer de vez o liceu, o autocarro da manhã, o despertador a tocar nos dias de Inverno. Depois daquele Verão começava o resto da nossa vida, a nossa vida verdadeira, e nós tínhamos pressa e tínhamos medo. A doutora Vitória falava-me na sua voz delicada, com a bata branca muito bem passada a ferro e os cabelos brancos encaracolados sobre a testa, e eu fazia de conta de que não era nada comigo. No fim fez-nos um ponto muito fácil, que era para termos o catorze de certeza. Ninguém lhe agradeceu.

11

Numa ilha deserta

Não éramos maus. Éramos adolescentes e estava a começar o Verão, e a seguir ao Verão ia mudar tudo na nossa vida. Mas houve um dia, lá para o fim de Maio, em que eu fui mesmo muito má.

Já passaram muitos anos, já muitas coisas mudaram muitas vezes na minha vida, e já me esqueci de quase tudo. Só o dia em que fui muito má para a doutora Vitória é que ficou para sempre comigo, como uma vergonha pequenina que nunca se vai embora. Adormece comigo, acorda comigo, e repete-me baixinho, sem nunca levantar a voz como a doutora Vitória nunca levantava a dela, que não era preciso ter prestado assim tão pouca atenção ao mundo dos outros, às razões e aos sentimentos das outras pessoas. A minha mãe, durante esses anos esquisitos, andava sempre a repetir-me que nenhum de nós vive numa ilha deserta. Quando somos adolescentes, parece mesmo que vivemos numa ilha deserta. É a única desculpa que eu tenho, e é pouco.

Mas talvez, naquela altura talvez as coisas não pudessem mesmo ter sido diferentes. E a doutora Vitória, que também já tinha sido adolescente muito antes de mim, se calhar percebeu que assim era, muito antes de eu ter percebido.

12

Numa manhã de Maio

Era um dos dias em que tínhamos Física logo às oito da manhã. A doutora Vitória, às oito da manhã, cheirava a sabonete. Eu cheguei atrasada, como era costume, e como era costume não pedi desculpa. Como também era costume, os outros estavam a fazer uma grande barulheira enquanto demoravam imenso tempo a sentar-se e a abrir os livros, para que se percebesse bem que ninguém ali estava interessado na aula que ia começar. Entrei na sala a mastigar uma pastilha elástica, e avancei até ao meu lugar sem levantar os olhos do chão. Nem me dei ao trabalho de tirar o casaco, que era um casaco que eu tinha nessa altura que mais parecia um cobertor. Não me apetecia passar um dia inteiro no liceu, e além disso estava cheia de sono. Comecei a mordiscar o cabo da esferográfica, e preparei-me para fazer uns desenhos na capa do dossiê. Mas nessa altura vi a bata branca da doutora Vitória parada mesmo ao meu lado. E senti a mão dela, muito suave e fresca, a pousar-se no meu braço.

Olhei para cima, surpreendida. Vi o sorriso da doutora Vitória, mesmo lindo, só para mim.

- Clarinha - disse-me ela em voz baixa, como se aquilo fosse um segredo entre nós duas, que mais ninguém devia ouvir - Clarinha, esta manhã, por favor, por favor faça um esforço e preste atenção à aula. Está bem? É que a matéria que vamos dar hoje é tão bonita, tão bonita. Não imagina.

- Sim, sim - disse eu, como quem sacode uma mosca.

E não ouvi nada, não liguei nenhuma. Ainda hoje estou para saber do que foi que ela falou nessa manhã especial de Maio, há muitos, muitos anos. Nunca saberei. Deve ter-nos revelado mais uma equação incrível sobre a ordem misteriosa que comanda todo o Universo e que mantém tudo no seu lugar. Era para mim, era de propósito para mim que o fazia, mas eu não ouvi. E ela deve ter visto, deve ter percebido que eu não estava a ouvir. Não me perguntou nada, não me disse mais nada. Naquela manhã a doutora Vitória tocou-me no braço, e eu encolhi os ombros porque tinha mais em que pensar.

Num sítio onde eu não posso chegar

Agora gostava de pedir-lhe desculpa, mas não sei onde é que ela está. Não sei se ainda está num sítio onde eu possa chegar. Muitos anos depois dessa manhã de Maio, noutras manhãs de Maio em que já tudo tinha mudado muito, muitas vezes, na minha vida, pensei que ia procurá-la e ia pedir-lhe desculpa. Pensei que ia encontrá-la num lugar qualquer com aquela bata branca impecável, o sorriso muito lindo no rosto cheio de rugas, e ia murmurar doutora Vitória desculpe, desculpe, desculpe. Não esteja triste, não chore, que alguma coisa de tudo o que nos disse, durante aquele ano em que parecia que nunca ninguém a ouviu, de uma maneira qualquer consegui chegar até nós, e ficou connosco pelos anos fora.

Doutora Vitória, queria eu jurar-lhe, não foi por mal, era o nosso último ano no liceu e estava a começar o Verão, percebe? Doutora Vitória, queria eu dizer-lhe, nunca me esqueci de si, nunca, nunca. Nunca me esqueci do seu sorriso, do seu amor pela matéria que queria ensinar-nos e que era tão bonita, da sua delicadeza quando nós nos portávamos como um bando de selvagens. Doutora Vitória, diria eu nessa altura, sabe, lembra-se, olhe - eu agora sou mesmo uma cientista. E então dava-lhe um abraço muito grande, muito apertado, que era a minha maneira de pedir desculpa quando já não tivesse mais palavras. E, se ela chorasse, eu chorava também. Não chore, doutora Vitória. Não chore, por favor, não esteja triste. Eu também gostava muito de si. Ainda hoje, ao fim de tanto tempo, gosto muito de si. Muito, muito, muito.

Mas na realidade nunca nada disto aconteceu, porque eu nunca cheguei a ir procurar a doutora Vitória. Pensei nisso algumas vezes, mas tinha sempre muito que fazer. Nunca tive tempo. E agora, provavelmente, já é tarde.

Nos momentos em que parece que ninguém fala a mesma língua que nós

Era só isto que eu queria dizer-vos. Pode ser que neste momento não acreditem em mim, mas também para vocês vai chegar muito em breve a idade da adolescência. As coisas durante alguns anos hão-de ser muito estranhas, muito difíceis, e haverá momentos em que parece mesmo que ninguém fala a mesma língua que nós. Não faz mal. É assim mesmo. Para lá desse tempo de mudança fica a vossa vida verdadeira, e vai ser bom. Enquanto esse tempo durar, lembrem-se que só se é adolescente de verdade uma única vez. Não. se aflijam, não se inquietem, e aproveitem bem todos os sentimentos esquisitos que vierem então ter convosco, porque nunca mais nada voltará a ser assim tão forte.

Provavelmente toda esta conversa para vocês é só mesmo conversa fiada, porque a única forma de percebermos as coisas que são realmente importantes é passarmos primeiro por elas. Mas, de qualquer maneira, pelo sim pelo não, aqui vai a confissão da minha vergonha, e com ela vai o meu único pedido. Se puderem, não façam como eu. Não sejam maus para a doutora Vitória, porque depois nunca terão tempo para irem à procura dela e lhe pedirem desculpa.